



Divulgação

Um homem das letras

Professor, ex-ministro e imortal da Academia Brasileira de Letras, Celso Lafer conta sua trajetória, fala de seus tempos de Dante e do novo desafio como presidente da Fapesp

Um andar inteiro de um edifício da avenida Faria Lima, entre as mais movimentadas de São Paulo, é tomado de livros. Pelo longo corredor que leva até o escritório de Celso Lafer, as paredes de vidro permitem que se vejam as prateleiras carregadas de grossos volumes. Chegando à sala do entrevistado, mais livros. Atrás da mesa, ao lado da porta, perto das janelas. Uma coleção de peso. "Tem mais embaixo, em casa, na casa da minha mãe, por tudo quanto é lugar", diz Lafer. Ex-ministro das Relações Exteriores dos governos Collor e FHC (deste último, também foi Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), professor titular do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da USP, e presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) desde o final de agosto de 2007, Lafer formou-se no Dante em 1959. "Foi uma experiência extraordinária, da qual guardo as melhores lembranças", conta. Ainda na época da escola, começou sua paixão pelas letras e pelo conhecimento, que recrudescer com o tempo. Lafer fala cinco línguas e é autor de 281 artigos publicados em jornais e revistas, 39 livros, 169 capítulos de outras publicações, entre outros textos. Os temas variam entre relações internacionais, política, globalização, Direito, e demais interesses, além de homenagens ao falecido jurista Miguel Reale - antecessor de Lafer na cadeira 14 da ABL e também ex-aluno do Dante. "Tínhamos uma relação muito próxima, além de ele ter sido meu professor. Era um grande intelectual, com muita personalidade", lembra. Depois de tudo o que produziu, aos 66 anos ainda não está satisfeito. "Sempre tem alguma coisa faltando, eu ainda quero escrever, por exemplo, sobre o processo decisório em política externa, contando minha experiência", diz. Mesmo com o pouco tempo que lhe sobra para os exercícios físicos, dos quais não abre mão, e para a convivência com a família, é assim que ele prefere. Agora, Lafer dedica uma atenção especial à Fapesp. E reitera a importância da interação cultural na pesquisa brasileira. "Para lidar com os desafios do mundo contemporâneo, deve haver uma complementaridade entre as culturas científica e humanística", afirma.

Quais são suas lembranças do Dante?

Eu entrei no Dante em 1953, no então chamado 1º ano do ginásio (*hoje, Ensino Fundamental*) e fiquei até 1959, quando me formei no colegial (*hoje, Ensino Médio*). O Dante foi para mim uma experiência extraordinária, da qual guardo as melhores lembranças. Em primeiro lugar, um colégio onde realmente se aprendia, onde o ensino era levado a sério e onde eu adquiri uma série de conhecimentos que foram a base do meu desenvolvimento futuro.

Além disso, o Dante foi para mim, desde o início, um estímulo para a imersão na cultura italiana. A sedução da cultura e da língua italiana me marcou com muito gosto. Estudando italiano, sempre se decorava um ou outro poema, inclusive aqueles dedicados à Beatrice (*musa inspiradora de Dante Alighieri*), que eu recitava para uma namoradinha

na época do colegial. A mesma com quem tinha discussões polêmicas sobre nossas preferências em relação à ópera: ela, devota de Puccini (*Giacomo Puccini*) e eu, que, apesar de admirar Puccini, acreditava que Verdi (*Giuseppe Verdi*) tinha uma abrangência e uma profundidade maiores.

Ainda falando das influências da Itália, um grande pensador que marca o meu pensamento é Norberto Bobbio, que veio ao Brasil no início da década de 1980. Ele era um pensador universal, com muita sensibilidade, em primeiro lugar em relação à tradição cultural italiana, que ele discutiu e explorou em seus livros. O contato com Bobbio reavivou e ampliou o meu acesso à Itália do século XX.



Arquivo pessoal

O senhor ainda mantém amizade com algum colega dos tempos de Dante?

Com alguns sim, outros a vida separou. Uma das minhas colegas do Dante é a Costanza Pascolato, que já naquela época conseguia dar um charme todo especial ao uniforme imposto às moças.

Existe algum episódio marcante da sua história no Colégio?

Há uma coisa que me marcou muito, que vivi no Dante: eu estava no 4º ano ginásial e o professor de inglês organizou uma viagem de um mês de duração à Europa. Fui com colegas de turma e, para mim, foi uma absoluta revelação. Eu nunca tinha estado na Europa, tinha 15 anos, e fiquei fascinado. Conheci Roma, o Museu do Vaticano, Florença, Veneza, Paris, Londres... Acho que essa viagem foi o que me abriu os horizontes e que me tornou uma pessoa preparada para amadurecer e estudar.

Quando estudante do Colégio, o senhor imaginava que seguiria a carreira que escolheu?

Saber para onde e como se vai é muito complicado. Quando terminei o Dante, fui aprovado nos vestibulares para Direito e Letras. Eu tinha lido, em 1959, data da publicação, *Formação da literatura brasileira*, um clássico do Antonio Candido. O livro tinha acabado de sair e quase ninguém tinha lido. Fiz um grande sucesso porque revelava um domínio da literatura brasileira. Meu pai era advogado e, por isso, acabei me atraindo pelo

Direito. Estagiei num escritório importante, comecei a me aprofundar nas matérias e vivi um período muito intenso na faculdade do ponto de vista político. Entrei em 1960 numa faculdade que sempre foi ponto de vibração dos grandes debates políticos brasileiros, uma escola de cidadania. Eu peguei o último ano da presidência do Juscelino Kubitschek, a eleição de Jânio Quadros e a frustração da renúncia, a dificuldade da posse do Jango, o plebiscito, as reformas de base, a intervenção militar e o início do regime autoritário.

Desde os tempos da faculdade também já me interessava pelas relações internacionais, assunto que ocupou uma parte grande da minha agenda profissional e acadêmica. Por isso fiz uma pós-graduação no exterior (*na Universidade de Cornell, nos EUA*) e me doutorei em 1970 em Ciência Política. Em 1971 comecei a lecionar na faculdade, onde estou até hoje. É a atividade mais estável na minha vida, onde passo a maior parte do meu tempo.

Como foi sua experiência no governo?

A experiência no interior de um governo é sempre forte, e trabalhar na gestão do Fernando Henrique foi muito construtivo. Talvez a primeira impressão mais forte de passar pelo governo seja a noção de limites: não dá para fazer tudo o que se imagina. A segunda é a percepção de que a existência desses limites não deve fazer você esmorecer. Vencer esses dois grandes desafios é uma tarefa muito importante. Dizia o Machado de Assis que o inesperado tem o seu papel. Quando fui para o Ministério das Relações Exteriores, imaginava poder concentrar a minha atenção na diplomacia econômica, nas grandes negociações comerciais, na OMC (*Organização Mundial do Comércio*), no Mercosul, na União Européia. Mas me vi atropelado pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e tive que lidar também com uma agenda de segurança no plano internacional e uma agenda política que não estavam previstas. O Aron (*Raymond Aron, filósofo e sociólogo francês*), um grande pensador, fazia uma distinção entre a política do entendimento e a política da razão. A primeira é uma tentativa de

renovar suas táticas para lidar com conflito e cooperação. A política da razão é ter uma certa idéia regulatória, segui-la e ir adaptando suas táticas àquilo que acontece. Na experiência de governo há uma combinação das duas políticas.

E como foram as experiências em cada ministério que o senhor assumiu?

Assumi o Ministério das Relações Exteriores, do Collor, em 1992, num momento em que ele sentiu que precisava fazer uma grande renovação para levar adiante uma proposta inovadora. E foi nesse contexto que ele procurou mobilizar não as estrelas centrais do PSDB, mas os que circundavam essa constelação. Eu fui, então, chamado. Enfrentei uma grande crise política que levou ao *impeachment*. Engendramos o que se chamou de compromisso com a governabilidade - uma deliberação coletiva do ministério que afirmava que continuaríamos no governo até que o Congresso se manifestasse. Entendíamos que com isso asseguraríamos condições de governabilidade. E acho que acabamos criando uma instância própria, quase que uma instância de governo parlamentar num regime presidencialista, que permitiu que a crise política fosse encaminhada sem maiores problemas. Até que o Congresso decidiu encaminhar o processo de *impeachment* e todos nos afastamos. Depois, participei da campanha do Fernando Henrique Cardoso e ele me convidou para ser embaixador em Genebra, na Suíça. Foi uma experiência extraordinária, porque Genebra era o

epicentro do processo de globalização e lidei com a OMC no início de sua atuação. Atuei na conferência de desarmamento, na organização internacional do trabalho, na da saúde. Depois dos quatro anos, entendi que já tinha cumprido as minhas responsabilidades e o Fernando Henrique me convidou para o Ministério do Desenvolvimento. Foi um período difícil, quando, inclusive, o Hélio Mattar foi meu excelente colaborador (*Hélio Mattar, entrevistado da edição anterior da Dante Cultural, foi Secretário de Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Hoje, é presidente do Instituto Akatu de Consumo Consciente*). Era um período difícil por causa das inseguranças da operação cambial. A crise econômica de 1999 favoreceu a minha saída e voltei a São Paulo.

“ Não sou exclusivista. Gosto de ler, escrever, do convívio dos amigos, da boa comida italiana, de obras de arte, o que o Octavio Paz chamava de os 'privilégios da vista' ”

Celso Lafer estudou no Dante do 4º ano do Ensino Fundamental (antiga 5ª série) até se formar no Ensino Médio

Arquivo Dante

COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
SÃO PAULO — ESTADO DE SÃO PAULO
FICHA INDIVIDUAL DO ANO LETIVO DE 1955.....

n.º 9

NOME DO ALUNO... CELSO LAFER

Data do nascimento: 7 de agosto de 1941
Natural de: São Paulo - Capital
Nome do pai: Dr. Abrahão Jacob Lafer
Nome da mãe: Betty Lafer
Residência:
Observações:



FREQÜÊNCIA (Anotações das faltas)

Disciplina	Presença	Faltas	Justificadas	Observações
Português				
Matemática				
Geografia				
História				
Artes				
Educação Física				
Outros				

Mais tarde, o ex-presidente me convidou para voltar ao Ministério das Relações Exteriores, o que fiz com muito prazer. Uma das boas experiências que guardo dos tempos de colaborador do governo FHC é o estímulo intelectual que eu tinha participando de uma discussão constante, de uma inteligência superior que deu uma direção para o nosso país.

O que o senhor acha da gestão do atual Ministério das Relações Exteriores?

Um antecessor nunca é um analista inteiramente objetivo e imparcial, por isso não vou entrar nas críticas, nem nos acertos.

O que evoluiu nesse Ministério desde o governo Collor? E o que precisa melhorar?

O Ministério é de qualidade, deve preservar as características de uma carreira de Estado, serve ao país, na sucessão de seus governos. É muito importante que o critério de ingresso, que é o de mérito, seja preservado.

A agenda diplomática se ampliou enormemente. Mesmo no meu tempo, da minha primeira para a minha segunda gestão, e para o que é a realidade contemporânea. Cabe ao Ministério manter a lembrança da memória diplomática e renovar sua mensagem à luz das novas situações. Temas como meio ambiente, ecologia, por exemplo, não tinham a proeminência que têm hoje.

Quería que o senhor falasse um pouco sobre sua cadeira 14 na ABL. Substituiu Miguel Reale, também ex-aluno do Dante. Como recebeu a notícia de que o substituiria?

Ele era um grande admirador de Dante, estudioso e exegeta. Era um grande intelectual, com uma forte personalidade. Conheci o professor Reale quando menino, porque, quando eu tinha 5, 6 anos, meus pais moravam na avenida 9 de Julho, que era bem mais pacata do que é hoje. O professor Reale era quase nosso vizinho, e meus pais tinham uma relação de amizade com ele e a família dele. Eu jogava bola com o Miguelzinho (*Miguel Reale Júnior, filho do professor*). Depois fui aluno do professor Reale e, mais tarde, ele me convidou para participar de um curso de pós-

graduação que estava ministrando. Ficou uma relação muito próxima, ele me estimulou a ir estudar nos Estados Unidos, eu o acompanhei no Congresso de Filosofia do Direito em Québec, no Canadá. Quando voltei, ele se interessou pela minha carreira e colaborei com ele na *Revista Brasileira de Filosofia*, em múltiplas atividades dele. Ia com frequência à casa dele, enfim, tínhamos uma relação muito boa. Na faculdade, substituí o professor Reale na disciplina que era dele, Filosofia do Direito, que ele inovou nacional e internacionalmente. E eu escrevi muito sobre a obra dele, a temática dos valores, o poder e a legitimidade, o critério da justiça... Quando ele faleceu, escrevi um grande texto sobre sua trajetória como professor e pensador na área do Direito. Escrevi muito sobre ele também no meu discurso de posse na Academia.

Eu acho que o professor Reale foi, *post-mortem*, o meu grande eleitor, porque todos sabiam na ABL do meu

relacionamento com ele e estava claro que, se ele tivesse que ser substituído, ele gostaria de ser por alguém ligado a ele, e eu era a pessoa mais visivelmente próxima. Uma semana antes de falecer, fui visitá-lo no hospital. Achei que ele estava abatidinho. Veio o almoço, e almoço de hospital não se caracteriza por ser uma maravilha. Eu disse: "Olha professor, não é o macarrão da *mamma*, mas o senhor vai almoçar". Peguei o prato, levei a ele, comecei a conversar e ele comeu. Terminado o almoço, ele imediatamente disse: "Bom, o que nós vamos publicar no próximo número da *Revista Brasileira de Filosofia*? Tenho esse texto, aquele, o que você acha?". Ele estava em plena vitalidade e demonstrando esse gosto pelas coisas mesmo num momento de saúde delicada. Na semana seguinte, ele foi para casa e eu ia visitá-lo, mas infelizmente ele faleceu antes. Esse encontro no hospital foi uma despedida. No ano anterior ao falecimento, fizemos uma homenagem a ele na Faculdade de Direito da USP. Ele foi e falou, como costumava fazer, sem nenhuma nota. Claro que ele pensava nas coisas,

Talvez a primeira impressão mais forte de passar pelo governo seja a noção de limites: não dá para fazer tudo o que se imagina. A segunda é a percepção de que a existência desses limites não deve fazer você esmorecer ou cair no imobilismo da inércia.



Divulgação

A relação entre Lafer e o prof. Miguel Reale ia além da profissional: além de ter sido aluno de Reale, Lafer tornou-se admirador e amigo pessoal do falecido jurista

era sempre a exposição verbal de uma prévia reflexão. Mas sem nada anotado.

O senhor atua também no campo cultural, como presidente da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin...

É uma fundação muito interessante, criada pela minha tia Ema, que era prima de papai. Ela fez uma coleção muito interessante, com obras que vão de Frans Post, que é a reprodução iconográfica inicial do Brasil, a Lasar Segall, além de obras da pintura italiana do Renascimento e da pintura holandesa dos séculos XVII e XVIII. Foi tia Ema que legou, em seu testamento, a casa e as obras para a criação de um museu que ela entendia que deveria servir à cultura da cidade de São Paulo. (*leia mais no box*)

Falando em coleções, pelo visto o senhor tem uma de cachimbos, uma grande de livros...

Cachimbos eu fumo, ainda que isso não seja aparentemente correto. Livros eu tenho muitos, uma biblioteca grande, mas é mais de trabalho, ligada aos meus interesses. Tem mais embaixo, em casa, na casa da minha mãe, por tudo quanto é lugar.

Qual o seu maior objetivo como presidente da Fapesp?

A Fapesp é uma instituição exemplar. Tem uma visão abrangente da noção de pesquisa, inclui as artes, a ciência, a tecnologia, o ambiente. Tem 13 coordenadorias que dizem respeito a áreas

Eu acho que o professor Reale foi, *post-mortem*, o meu grande eleitor.

como agronomia, veterinária, saúde, humanidades, economia etc. O orçamento anual é da ordem de 600 milhões de reais, e ele tem sido basicamente aplicado em três pilares: formação de recursos humanos, que são as bolsas de iniciação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, que recebem 30% do investimento anual; pesquisa acadêmica básica, que recebe 60% dos recursos anuais; e pesquisas com vistas à aplicação, que incluem projetos de pesquisa em pequenas empresas, que recebem 10%.

Eu entendo que não é possível lidar com os desafios do mundo contemporâneo sem uma complementaridade entre as culturas científica e humanística. Por exemplo, um dos campos da Filosofia do Direito é a bioética. Você não pode lidar com os desafios da bioética sem ter um conhecimento da inovação científico-tecnológica. Direito do meio ambiente: você não pode falar sobre mudança climática e diversidade sem ter um domínio sério da dimensão científica dessas coisas.

Um dos méritos da Fapesp é o de ser um local onde se faz a complementaridade e o diálogo entre as estruturas. Na revista da Fapesp, chamada *Pesquisa*, há uma promoção da complementaridade dos saberes. Numa mesma edição, você pode encontrar uma área sobre política científica e tecnológica, uma sobre o

reator de um submarino nuclear, uma discussão sobre proteína de veneno de cascavel na farmacologia, uma parte sobre entomologia, que é como os insetos em cadáveres ajudam a elucidar mortes misteriosas, e uma parte sobre humanidades, com uma discussão econômica a respeito das agências reguladoras.

A Fapesp funciona muito bem e pretendo manter o sentido de direção para contribuir com seu melhoramento.

O que falta na carreira?

Sempre tem alguma coisa, é um mundo inacabado. Existem várias coisas que quero escrever ainda. Uma delas é uma discussão sobre o processo decisório em política externa. Um livro que eu gostaria de fazer sobre a minha experiência e além dela - pensando um pouco em como as decisões são tomadas, o quanto você consegue organizar a agenda e o quanto você é organizado por ela, qual o papel da opinião pública, os fatores políticos que condicionam sua atuação.

O que dá mais prazer ao senhor?

Não sou exclusivista. Gosto de ler, escrever, do convívio dos amigos, de obras de arte (do que o Octavio Paz chamava de "os privilégios da vista"), gosto da boa comida italiana...

Aceitaria um convite para algum ministério novamente?

Já tive uma vida pública muito plena, realizada, isso não está mais na agenda das minhas preocupações.

Envolvido em tantos trabalhos, o senhor tem uma rotina?

Trabalho muitas horas por dia, deve dar umas 13 horas. Existe sempre uma certa rotina entre aulas, escritório, Fapesp, exercícios físicos... sempre na boa linha romana *mens sana in corpore sano*.

Uma casa-museu

A casa em que vivia a empresária Ema Gordon Klabin, no Jardim Europa, é um museu aberto à visitação desde abril de 2007. "Tia Ema", como a chama Lafer, faleceu em 1994 e deixou mais de 1.500 peças de procedência variada, intactas na decoração de sua casa: arte da antiguidade clássica, oriental, africana, européia, brasileira, pré-colombiana, entre outras. As preferências de Ema não tinham apenas uma direção, por isso a multiplicidade da riqueza no acervo. "Os museus começaram como coleções", aponta Lafer. "É um pouco o que dizia Malraux (*André Malraux, pensador francês do século XX*) sobre a história do museu imaginário e da criação. Os objetos deixam de ter uma utilidade funcional e entram no universo da reflexão artística".

Além das peças, o próprio ambiente da residência de 900 m², projetada pelo arquiteto Alfredo Ernesto Becker, é de lembranças das quatro décadas que Ema viveu lá: móveis, um arquivo de cerca de 2.400 itens (a maioria de documentos pessoais), mais de 2 mil fotos e uma biblioteca de quase 3 mil volumes disponíveis para consulta.

A casa-museu abre para exposição às terças, quintas e sextas-feiras, com monitores, e a visita deve ser agendada com antecedência pelo telefone (11) 3062-5245 ou pelo e-mail: agendamento@fcegk.org.br, porque os grupos são limitados. A entrada custa dez reais.



Divulgação

A casa-museu de Ema Klabin tem mais de 1.500 peças